

O Sucesso Ministerial e a Submissão à Autoridade Divina

Introdução

Todo e qualquer empreendimento, seja ele espiritual ou secular, resguardadas suas devidas proporções, é desenvolvido tendo-se em mente o sucesso. Ninguém, com absoluta certa, se envolve num ardoroso combate sem ter em mente (e no coração!) a nítida convicção e o firme desejo de obter o sucesso. Desta forma, é falsa a afirmação de que *o que importa não é vencer, e sim, participar*. Sabe por que? Porque perder nunca é bom. Ademais, “participação” nunca foi, não é e nunca será, sinônimo de “vitória”. O objetivo de todos aqueles que se envolvem em algum empreendimento é a vitória, o sucesso! No campo espiritual, independentemente de suas características, não é diferente. Aliás, a recomendação de Paulo a Timóteo, em 2Tm.2.5, é de que “[...] o atleta não é coroado [...]”, ou seja, não receberá a vitória, “[...] se não lutar segundo as normas”¹.

É assim, portanto, que devemos encarar o Ministério Cristão: Um empreendimento espiritual, confiado pelo Senhor a nós, cuja única satisfação plena é a vitória, o sucesso. É sobre isso que, nesta 2^a Escola Bíblica de Obreiros (2^a EBO), iremos refletir: o sucesso ministerial e, obviamente, as condições para alcançá-lo.

1. 1 – A Parábola das 10 Minas

O texto bíblico base para nossa reflexão é Lc.19.17: “*Respondeu-lhe o Senhor: Muito bom, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades*”. O contexto onde o versículo em questão está inserido diz respeito à *Parábola das Dez Minas*, que começa no versículo 11 indo e vai até o versículo 27. Essa é apenas uma das inúmeras *parábolas* proferidas por Jesus ao longo de seu Ministério. No caso específico dessa parábola, ela difere da *Parábola dos Talentos* (Mt.25.14-30) em alguns aspectos, mas ilustra as mesmas verdades, ou seja:

- (a) Haverá a prestação de contas;

¹*Bíblia de Estudos de Genebra*. São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

- (b) Haverá recompensas e castigos;
- (c) Estamos sendo treinados no *tempo* para vivermos na *eternidade*.

1. 2 – Parábola: Etimologia e Sentido

O termo “*parábola*” é oriundo de duas palavras gregas: A primeira é a preposição $\pi\alpha\rho\alpha$ (ler-se: *pará*), que significa “*do lado de*”, “*da parte de*” e a segunda, $\beta\acute{a}\lambda\lambda\omega$ (ler-se: *bállō*), é um verbo (Presente do Indicativo Ativo), traduzido por “*eu estou jogando*”, “*eu jogo*”. O termo *parábola*, portanto, significa literalmente “*jogar para o lado*”.

A *parábola* era uma figura de linguagem muito comum na época de Jesus usada pelos rabinos (ou professores) que, objetivando ensinar verdades espirituais aos seus ouvintes (ou alunos), inventavam uma história a partir das realidades do dia-a-dia, ou seja, a história deveria ser fictícia, mas os elementos que a formavam deveriam ser reais. E, a partir da junção desses dois elementos, ensinarem os ouvintes. Desta forma, a expressão “*Mas os seus concidadãos o odiavam e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós*”, no verso 14 (Lc.19), é uma referência a Arquelau, filho de Herodes que, indo a Roma a procura de seu reino, seus súditos judeus enviaram uma delegação pedindo que ele não mais retornasse como rei sobre eles². A presente parábola é um tratado acerca da *prestaçao de contas*.

A rigor, a parábola em questão ressalta a fidelidade dos servos daquele senhor que, ao retornando de sua viagem, inicia a prestação de contas. O primeiro servo apresentou o resultado de seu empenho: “[...] Senhor, a tua mina rendeu dez”, v.16; o segundo, igualmente: “[...] Senhor, a tua mina, rendeu cinco”, v.18; o terceiro servo, por sua vez, apresentou resultado insatisfatório: “[...] Eis aqui, senhor, a tua mina, que eu guardei embrulhada num lenço”, v.20. Desconsiderando o último resultado, que recebeu a plena reprovação do senhor (v.22-24), os dois primeiros foram satisfatórios. Merecendo destaque, entretanto, aquele que multiplicou a mina por dez, a este o senhor diz: “[...] servo bom; por que foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades”, v.17.

² Consulte: JOSEFO, Flavio. ***História dos Hebreus*** (Volume III). 1^a ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1992, pp. 55-56.

Deixando de lado as outras informações constantes na parábola em questão, consideremos o elemento principal: O Senhor da seara (Lc.10.2), mais dias ou menos dias, retornará (Mt.24.50; Ap.3.3) e, da mesma forma como a parábola indica, chamará Seus servos para a prestação de contas (Mt.16.27; 1Co.3.13; Ap.22.12).

1. 3 – A Chamada Divina

O Ministério Pastoral, a despeito de outras vocações, não é uma escolha humana, pelo contrário, é Deus quem nos escolhe: “*Não fostes vós que me escolhestes (ἐξελεξάνην) a mim; pelo contrário, eu vos escolhi (έξελέξασθε) a vós outros [...]*”³, 15.16a. No versículo em questão, a utilização dos verbos – *ἐξελεξάνην* (*έξελέξαμεν*) e *ἐξελέξασθε* (*έξελέξασθε*) – no Aoristo do Indicativo Médio, indicam que Jesus, Ele mesmo, nos escolheu de uma vez por todas.

O presente texto diz respeito exclusivamente aos doze apóstolos, à posição de liderança que Cristo lhes havia conferido. Entretanto, levando em consideração a característica peculiar de João, qual seja, aquilo que Jesus diz a respeito dos doze, tem implicação e aplicação a todos os crentes em geral e aos líderes em particular. Ademais, a produção de frutos é uma exigência: “[...] *Je vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça [...]*”, 15.16b. O fruto a que Jesus se refere, não é o fruto efêmero, ou como afirma F.F. Bruce (1987, p. 267), “[...] fruto o Mar Morto, que vira pó e cinzas quando tocado [...]”, muito pelo contrário, “[...] é o fruto duradouro de vidas unidas ao Cristo sempre vivo, testemunhando da sua graça permanente”.

A rigor, temos dois elementos que, aparentemente inconciliáveis, permanecem na base da *chamada divina* ao Santo Ministério:

- (1) A escolha soberana de Deus.
- (2) A patente incapacidade do homem.

Desta forma, *Soberania Divina e Incapacidade Humana* tornam o Ministério Cristão um palco das mais surpreendentes ações sobrenaturais de Deus. Afinal de contas, exercemos o ministério não porque somos capazes, ou porque nossos atributos morais e intelectuais nos proporcionaram tal posição, e sim, porque Deus nos escolheu, em Cristo (Ef.1.4; 2Ts.2.13).

³Grifo nosso.

1. 4 – O Sucesso Sob a Perspectiva Bíblia

O *sucesso*, segundo uma definição bem simples do Dicionário da Língua Portuguesa, é o *resultado*, a *conclusão feliz* de um empreendimento que se intenta realizar. O sucesso, portanto, é alcançado quando se obtém o resultado desejado, quando se conclui aquilo que se projetou. É por isso que Paulo, em sua última carta, exulta: “*Combattei o bom combate, completei a carreira, guardei a fé*”⁴, 2Tm.4.7. Observe os dois últimos verbos: “*completar*” e “*guardar*”. Paulo *completou* a carreira (o Ministério) e *guardou* a fé. Levando em consideração que o *sucesso* é a conclusão de um empreendimento que se estabeleceu como meta (alvo!), concluímos que Paulo se regozijava não tanto do fato de ter *concluído* a tarefa a ele confiada pelo Senhor, pois a honra alcançada com o sucesso de um empreendimento pertence àquele que a estabeleceu e a alcançou, ou seja, Deus (1Cr.29.11⁵; Sl.96.6⁶), “[...] *porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente*”, Rm.11.36. Paulo, entretanto, se regozijava com o fato de ter permanecido fiel ao Senhor até o final de sua jornada ministerial.

É aqui, portanto, que surge um grande problema para a atualidade: *O sucesso ministerial é lido a partir das Sagradas Escrituras*, não a partir da perspectiva puramente humana, ou seja, *sucesso* é aquilo que a Bíblia estabelece como tal, e não aquilo que as pessoas afirmam ser. Isso significa que, independentemente do que penso, o sucesso é a realização plena da vontade de Deus. Afinal, foi para isso que fomos chamados: “*Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou*”⁷, 2Tm.2.4.

O nosso sucesso, enquanto ministros do Evangelho, é a satisfação plena da vontade de Deus. É por isso que, segundo a perspectiva das Sagradas Escrituras, o soldado “[...] *não se envolve com negócios desta vida [...]*”, v.4b. A palavra grega, traduzida por “negócios”, é *πραγματεία* (*pragmatéia*) e faz referência a *assuntos* e *interesses* particulares. O objetivo do soldado, portanto, não é agradar a si mesmo, mas “[...] *satisfazer àquele que o arregimentou*”, v.4c. O soldado, segundo Fritz Rienecker e

⁴ Grifo nosso.

⁵ 1Cr. 29.11: “*Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos*”.

⁶ Sl.96.6: “*Glória e majestade estão diante dele, força e formosura, no seu santuário*”.

⁷ Grifo nosso.

Cleon Rogers, tem apenas um único alvo e propósito: a devoção integral à tarefa a ele confiada, no esforço constante de agradar seu Senhor. O ministro do Evangelho, assim como o soldado, não pode se “envolver” com interesses diversos daqueles estabelecidos pelo seu Senhor. A tradução de João Ferreira de Almeida (Corrigida e Revista), ao invés de traduzir ἐμπλέκεται (*ēmplékētai*) por “envolver”, traduz por “embaraçar”, resguardando o sentido primário que Paulo pretendia transmitir com o termo, ou seja, ἐμπλέκεται (*ēmplékētai*) traz a ideia de um soldado que tem sua arma “enroscada” em sua própria armadura (RIENECKER; ROGERS, 1985). Um soldado numa situação como essa, é tão inoperante (e vulnerável!) na batalha quanto aquele soldado que não possui habilidade (e intimidade) com a arma que carrega (2Tm.2.15).

O sucesso, segundo as Sagradas Escrituras, é a realização da vontade de Deus no cumprimento pleno da tarefa a nós confiada. Isso significa dizer que, independentemente de nossas justificativas, qualquer outra atitude por parte do obreiro é contrária à vontade de Deus. Assim sendo, devemos repudiar, entre outras coisas, toda e qualquer postura que não coadune com a Bíblia Sagrada. Entre elas, podemos citar (a partir das considerações de Richard Maythue): a *supervalorização do raciocínio humano e das necessidades humanas*, a *supervalorização da vida terrena e temporal* e a *supervalorização da cultura contemporânea*.

1.4.1 – Supervalorização do Raciocínio Humano.

Contrária às Escrituras Sagradas é o entendimento de que a lógica humana, consubstanciada na supervalorização do raciocínio, deve assumir o lugar da revelação das Escrituras Sagradas.

1.4.2 – Supervalorização das Necessidades Humanas.

As necessidades humanas assumem a prioridade em detrimento às necessidades que o próprio Deus estipula como tais, afinal de contas, nem sempre aquilo que acreditamos serem importantes, de fato é: “*Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará [...]*”, Jo.6.27a.

1.4.3 – Supervalorização da Vida Terrena.

Contrária à postura valorizada pelas Escrituras Sagradas, está a supervalorização da vida terrena, ou seja, prima-se muito mais pelas coisas terrenas do que pelas espirituais: “*Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens*”, 1Co.15.19

1.4.4 – Supervalorização da Vida Temporal.

Outra postura que contraria o ensino bíblico é a consideração desproporcional da vida temporal em detrimento da eternidade:

“[...] Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? [...] vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; [...] Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades”, Mc.10.17-22.

1.4.5 – Supervalorização da Cultura Contemporânea.

Finalmente, dentre as posturas praticadas pela sociedade contemporânea que devem ser repudiadas pelos ministros do Evangelho, está a supervalorização da cultura contemporânea e a subestimação das Escrituras Sagradas: *“[...] E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Respondeu-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprio mortos”*, Mt.9.21.

1. 5 – O Sucesso e a Obediência.

Sem nenhuma sombra de dúvida, o sucesso ministerial reside na obediência à autoridade d'Aquele nos alistou para a guerra (2Tm.2.4). Desta forma, objetivando agradá-Lo, o ministro do Evangelho deve, no desenvolvimento de sua vocação, manter nítidas as mesmas características que, natas ou inatas, estavam presentes no início de sua jornada ministerial. Entre elas destacam-se: (a) A *Sensibilidade Espiritual* e (b) o *Reconhecimento da Comunidade*. É humanamente natural que, ao longo dos anos, seja pela repetição rotineira das situações ou a correria do dia-a-dia, alguns se tornem insensíveis ou se fechem em seu “castelo” ministerial esquecendo-se da “[...] *boa reputação [...]*”, At.6.3, ou seja, do *bom testemunho*.

A palavra grega traduzida por *testemunho*, μαρτυρούμενος (*martyruménus*), é o *particípio presente passivo* de μαρτυρέω (*martyréō*). Isso significa dizer que, no caso do texto em particular, o testemunho não é o ministro que dá, mas sim, a comunidade, ou seja, o que as pessoas dizem a nosso respeito? Aquilo que as pessoas dizem a nosso respeito reflete tudo aquilo que temos vivido? E, mais que isso, temos a aprovação dessa mesma comunidade? Pelo menos é isso que Paulo assevera ao escrever aos cristãos em Roma: *“Aquele que deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens”*⁸, Rm.14.18. A rigor, nossa postura desempenha um papel de

⁸ Grifo nosso.

suma importância e impactante na comunhão com os homens e, consequentemente, na evangelização.

Atrelado a essas características, podemos citar ainda: (a) o *Novo Nascimento*, (b) *Batismo no Espírito Santo*, (c) *Formação/Informação* e (c) a *Experiência*. Afinal de contas, o *novo nascimento* diz respeito à íntima conexão entre o ministro do Evangelho e seu Senhor (Jo.3.1ss); o *batismo no Espírito Santo* é a capacitação divina para o nobre exercício do Ministério, o revestimento de autoridade e intrepidez para a proclamação das verdades espirituais (At.2.14ss); a *formação/informação* diz respeito ao preparo (e a constante *informação*) que o ministro deve ter para melhor servir ao Senhor e, finalmente, a *experiência*. Assim como Deus *não chama os capacitados, mas capacita os chamados*, Ele não atrela a *vocação* (e a *chamada!*) à experiência formal. A experiência inicial que devemos ter é aquela ligada à intimidade com o Espírito Santo. Isso não significa que, ao longo dos anos, as experiências que vamos adquirindo não se tornem preponderantes para o bom exercício do ministério. Pelo contrário, um ministro experiente (e provado!) é capaz de gerir com maestria os dons e talentos que Deus lhe confiou (Fp.4.10-12).

Portanto, o ministro do Evangelho deve evidenciar todas as qualificações que, anteriores à sua ordenação ministerial, foram preponderantes para sua chamada específica:

(a) **Amor** – “[...] *Tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minha ovelhas*”, Jo.21.17c.

(b) **Fé** – “*Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas cousas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão*”, 1Tm.6.11.

(c) **Santidade** – “[...] *purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus*”, 2Co. 7.1.

(d) **Humildade** – “*Nada façais por partidarismo, ou vangloria, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo*”, Fp. 2.3.

(e) **Coragem** – “*Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação*”, 2Tm. 1.7.

(f) **Diligência** – “*Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente [...]*”, Jr. 48.10.

(g) **Dignidade** – “*Ninguém despreze a tua mocidade [...]*”, 1Tm.4.12.

(h) **Tato** – “*Como maçãs de ouro em salva de prata, assim é a palavra dita a seu tempo*”, Pv. 25.11.

(i) **Discrição** – “*Evita discussões insensatas, genealogias, e contendas, e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis*”, Tt. 3.9.

(j) **Asseio** – “*Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem*”, Ef. 4.29.

(l) **Pontualidade** – “*Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, que não [...]*”, 2Tm. 4.2b.

Conclusão

Chegando ao final desse estudo, concluímos de que o sucesso é algo desejado (e perseguido!) por todos. Não importa a área ou tipo de atividade, ninguém, em sã consciência, está disposto a dedicar tempo, esforço e recursos em algo que não prosperará. O adágio que diz que “*o que importa não vencer, mas competir*” não corresponde com a verdade. Afinal, perder nunca é bom e o fracasso, por sua vez, não estampa no rosto o riso da satisfação. Todos nós, sem exceção, desejamos a vitória, anelamos o sucesso. E o sucesso, a despeito do que muitos pensam, reside na satisfação plena da vontade de Deus, uma vez que fomos chamados por Ele e para Ele. A vocação, portanto, deve ser desenvolvida com responsabilidade e plena consciência que, haja o que houver, “[...] importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”, 2Co.5.10.

Bibliografia

- **Bíblia de Estudos de Genebra.** 1^a ed., São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- **Bíblia de Tradução Ecumênica – TEB.** 1^a ed., São Paulo / São Paulo: Edições Loyola / Paulinas, 2002.
- **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento** (João Ferreira de Almeida – Edição Corrigida e Revista). 1^a ed., Belo Horizonte: Editora Atos, 2002 (7^a impressão, 2005).

- BRUCE, F.F. *João: Introdução e comentário*. 1^a ed., São Paulo / São Paulo: Edições Vida Nova / Editora Mundo Cristão, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6^a ed., Curitiba: Editora Positivo, 2006.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. 1^a ed., São Paulo: Hagnos, 2001.
- HALLEY, Henry Hampton. *Manual Bíblico de Halle*, 1^a ed., São Paulo: Editora Vida, 2001.
- JOSEFO, Flavio. *História dos Hebreus* (Volume III). 1^a ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1992.
- KELLEY, John N. D. *Epístolas Pastorais: introdução e comentário*. 1^a ed., São Paulo / São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova / Associação Religiosa Editora Vida Nova, 1983.
- RIENECKER, Fritz / ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. 1^a ed., São Paulo: Edições Vida Nova, 1985 (reimpressão 1988).
- RIGGS, Ralph. *O Guia do Pastor*. 3^a ed., São Paulo: Editora Vida, 1980.
- TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 9^a ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1991.



Pr. Roberto dos Reis, M. Th.

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
 Coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus (FABAD).
 Bacharel em Direito pela Universidade de Taubaté (UNITAU)
 Presidente das Assembleias de Deus Ministério em Taubaté (CEMADES)
 Membro da Academia Paulista Evangélica de Letras – APEL.
 Escritor e Articulista da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD)
 (012) 3632-4599 / (012) 3642-5188 / (012) 99156-0182.
pr.roberto.dos.reis@gmail.com
roberto.reis.santos@bol.com.br
www.webartigos.com

